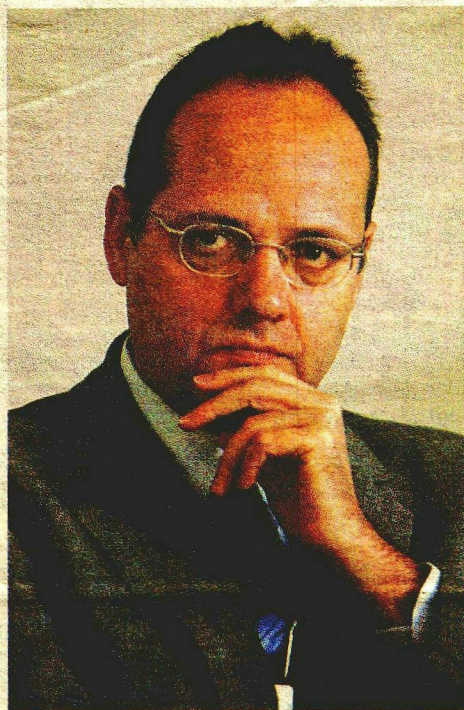


Divulgação

“

Teremos menores ajustes nos juros, seguidos da normalização das condições monetárias nos Estados Unidos”

Samuel Pessôa
Pesquisador da FGV



Henrique Manreza

“

Após as eleições, teremos condições de fazer reformas estruturais importantes para o país”

Carlos Thadeu de Freitas
Economista chefe da CNC

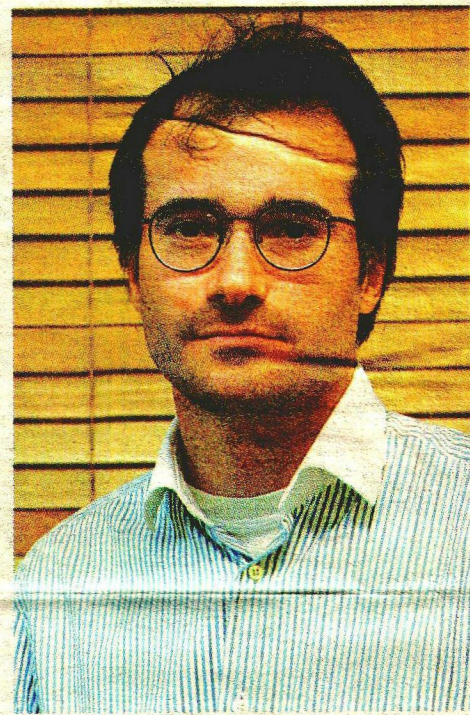


Henrique Manreza

“

Teremos um quadro de inflação e juros parecido com o atual, mas com um mundo melhorando”

Aurélio Bicalho
Economista do Itaú



Patrícia Stavits

“

Embora ainda alguém do necessário, acho que há um senso no governo de que são necessários ajustes”

Zeina Latif
Economista da XP Investimentos

Ventos mais favoráveis à economia em 2014

Citando menor influência dos Estados Unidos e maior consciência do governo sobre a questão fiscal, economistas veem cenário mais otimista para o ano que se inicia

Mariana Mainenti
mariana.mainenti@brasileconomico.com.br

Para quem ficou decepcionado com 2013, a boa notícia é que, embora os analistas não cheguem a soltar fogos quando fazem previsões para o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2014, eles concordam que será um ano com menos sustos. Os mais pessimistas acham que “pior não fica”, enquanto os otimistas afirmam que, ainda que seja um ano eleitoral — em que a tendência dos governantes é cozinhar os problemas em banho-maria — 2014 acena com melhoras para a economia brasileira.

“O ano de 2014 pode ser melhor do que 2013 desde que os investimentos continuem voltando. Acredito que haverá uma melhora na balança comercial, com um crescimento semelhante ao do ano anterior e uma inflação em torno de

5,8%, caso o dólar fique no patamar atual, o que acho possível, pois os Estados Unidos já definiram a política monetária lá. Então, não devemos mais ter tantas surpresas quanto tivemos em 2013”, afirma o chefe do Departamento Econômico da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas, para o qual o ano que se inicia pode estabelecer bases melhores para que aconteçam mais avanços na economia em 2015. “Acho que, após as eleições, teremos condições de fazer reformas estruturais importantes para o país”, prevê o ex-diretor do Banco Central.

O pesquisador da Fundação Getúlio Vargas Samuel Pessôa também acredita que a maior influência negativa das decisões norte-americanas sobre a economia brasileira já passou. “A Selic (taxa básica de juros da economia) já foi elevada durante 2013 e teremos,

em 2014, menores ajustes nos juros, seguidos de um processo de normalização das condições monetárias nos Estados Unidos”, afirma Pessôa, para quem o governo poderá fazer “algum ajuste fiscal” em 2014. “Mas a maior parte deve ficar mesmo para 2015”, projeta.

O professor de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Bruno De Conti está seguro de que 2014 será melhor. “A melhora da balança comercial, atrelada a maiores investimentos em infraestrutura e melhor participação do setor de petróleo, deve impulsionar a economia, diferentemente do que aconteceu em 2013”. O economista do Itaú, Aurélio Bicalho, também considera que será possível ao país avançar em 2014, mas desde que o governo puxe o freio de mão nos gastos. “A questão fiscal é uma variável-chave, mas começamos a avançar de

novo. As concessões são bem importantes nesse momento porque os leilões não tiveram quase impacto em 2013, mas vão ajudar no aquecimento da economia no próximo ano”, diz. Segundo Bicalho, o cenário macroeconômico de 2014 será parecido com o de 2013, mas com alguns ventos soprando a favor. “Teremos um quadro de inflação e juros parecido com o atual, alguma volatilidade de curto-prazo no câmbio, mas com um mundo melhorando”, aposta.

“Embora ainda alguém do necessário, acho que há um senso no governo de que são necessários ajustes. No fim de 2013, ele já deu sinais disso, como, por exemplo, quando começou um processo de redução no crédito do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social)”, diz a economista-chefe da XP Investimentos, Zeina Latif, para quem es-

se pode ser o ponto de partida para uma retomada da confiança do mercado. “O governo encerrou 2013 com a credibilidade em baixa. Mas, se fizer ajustes mais robustos a confiança dos investidores melhora e afasta o risco de rebaixamento da classificação do risco do país pelas agências internacionais”, considera.

A despeito do ano eleitoral, a economista-chefe da XP Investimentos se diz otimista para 2014. “Da mesma forma que houve piora do humor ao longo de 2013, meu palpite é que existe uma chance de melhora da confiança ao longo do ano, quando ficar mais clara a agenda para 2015, seja com a reeleição da presidente Dilma Rousseff, seja com a vitória de outro candidato, porque há do lado do governo o reconhecimento da necessidade de cortar gastos”, afirma.

Ela considera que as manifestações populares que ocorreram em 2013 também deram sua contribuição para que haja um reordenamento de prioridades no país. “Há uma interpretação de que os protestos significam mais pressão sobre os gastos. Se não é possível aumentar impostos e nem subir a dívida pública, há escolhas a serem feitas. As demandas da sociedade pela melhora dos serviços públicos colocam para 2014 a discussão sobre como deve ser feita a gestão da política fiscal no país. Isso aumenta o nosso desafio, mas evita que tenhamos de esperar por uma crise para tomar decisões”, aponta.